

E depois da morte?

A pergunta sempre frequente é: O que será que acontece no futuro do nosso Espírito? O que nos acontece depois da morte? Será que vamos para o Céu Iluminado? Ou será que o Inferno é nosso destino? Quem decide para onde seguimos? Será que encontramos os seres que nos são caros?

O ser humano sempre perseguiu a ideia do que ocorrerá no futuro do seu Espírito. E talvez seja a pergunta mais frequente no meio espírita.

O estudo aprofundado do livro [O Céu e O Inferno, ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo](#), nos faz entender cada vez mais a Doutrina Espírita. Na **primeira parte**, seu **capítulo VIII** sob o título **As Penas Futuras Segundo o Espiritismo** praticamente encontramos a compilação de toda Doutrina tornando-o como se fosse seu coração, ou seja, a parte principal. Ali existe uma série de 25 itens onde cada um foi desenvolvido ao longo de toda a obra, menos, claro da Genese, que foi publicada após. Os 25 itens elucidam o que acontece ao nosso Espírito após o desencarne. As explicações vieram através de inúmeros Espíritos desencarnados em milhares de comunicações, de vários lugares do mundo, por muitos médiuns distintos. Kardec, através da Revista Espírita, mostrou uma quantidade considerável das comunicações.

A particularidade desse livro é justamente trazer , diante desse material todo, as conclusões de todas as comunicações estudadas. Além disso, na segunda parte do livro, é apresentado muitas dessas mensagens. O conteúdo dessas, publicadas no livro O Céu e o Inferno, é assunto para outro momento.

Voltemos ao capítulo VIII da primeira parte do livro. Ele começa fazendo importantes considerações, que colocamos aqui na íntegra:

Estando a sorte das almas nas mãos de Deus, ninguém pode neste mundo, por sua própria autoridade, decretar o código penal divino. Qualquer teoria não é mais que uma hipótese que só tem o valor de uma opinião pessoal e, por isso mesmo, pode ser mais ou menos engenhosa, racional, bizarra ou ridícula. Somente a sanção dos fatos pode conferir-lhe autoridade,

fazendo-a passar à condição de princípio.

Na ausência de fatos apropriados para definir sua concepção acerca da vida futura, os homens deram curso à sua imaginação e criaram essa diversidade de sistemas de que compartilham, e compartilham ainda, as crenças. Se alguns homens de elite, em diversas épocas, entreviram um lado da verdade, a massa ignorante permaneceu sob o império dos preconceitos que geralmente lhe eram impostos. A doutrina das penas eternas está nesse número. Essa doutrina teve sua época; hoje ela é repelida pela razão. O que colocar em seu lugar? Um sistema substituído por outro sistema, ainda que mais racional, sempre terá apenas maior probabilidade, mas não a certeza. É por isso que o homem, chegado a este período intelectual que lhe permite refletir e comparar, não encontrando nada que satisfaça completamente sua razão e responda às suas aspirações, vacila indeciso. Uns, apavorados pela responsabilidade do futuro e querendo gozar o presente sem constrangimento, procuram enganar-se e proclamam o nada após a morte, crendo assim manter a consciência tranquila; outros estão na perplexidade da dúvida; o maior número crê em algo, mas não sabe exatamente no que crê.

Um dos resultados do desenvolvimento das ideias e dos conhecimentos adquiridos é o método científico⁹⁶. O homem quer crer, mas quer saber por que crê. Ele não se deixa mais levar por palavras. Sua razão vigorosa quer algo mais substancial que teorias. Em uma palavra, ele necessita dos fatos.

Deus, então, julgando que a humanidade saiu da infância, e que o homem está hoje maduro

para compreender verdades de uma ordem mais elevada, permite que a vida espiritual lhe seja revelada por fatos que põem um termo às suas incertezas, fazendo cair os andaimes das

hipóteses⁹⁷. É a realidade após a ilusão.

A Doutrina Espírita, no que se refere às penas futuras, não é mais fundada sobre uma teoria

preconcebida do que suas outras partes. Em tudo ela se apoia sobre observações, sendo isso o

que lhe dá autoridade. Ninguém então imaginou que as almas, após a morte, devessem se

encontrar nesta ou naquela situação. São os próprios seres que deixaram a Terra que vêm hoje

- com a permissão de Deus e porque a humanidade entra numa nova fase - nos iniciar nos

mistérios da vida futura, descrever sua posição feliz ou infeliz, suas impressões e sua transformação na morte do corpo. Os espíritos vêm hoje, em suma, completar nesse ponto o ensino do Cristo.

Não se trata aqui da relação de apenas um espírito que poderia ver as coisas somente de seu

ponto de vista, sob um único aspecto, ou ainda estar dominado pelos preconceitos terrestres,

nem de uma revelação feita a um único indivíduo que poderia se deixar enganar pelas

aparências, nem de uma visão extática que se presta às ilusões e é com frequência apenas o

reflexo de uma imaginação exaltada⁹⁸, mas de inúmeros intermediários disseminados sobre

todos os pontos do globo, de tal sorte que a revelação não é privilégio de ninguém, que cada

um pode ao mesmo tempo ver e observar, e que ninguém é obrigado a crer pela fé de outrem.

As leis que daí decorrem são deduzidas apenas da concordância dessa imensidade de

observações; esse é o caráter essencial e especial da Doutrina Espírita⁹⁹. Jamais um princípio

geral é retirado de um fato isolado ou da afirmação de um único espírito, ou do

ensinamento dado a um único indivíduo, ou de uma opinião pessoal. Qual seria o homem que poderia crer-se suficientemente justo para medir a justiça de Deus?

Os numerosos exemplos citados nesta obra para estabelecer a sorte futura da alma poderiam ser multiplicados ao infinito, mas, como cada um pode observar outros análogos, seria suficiente de certa forma dar os tipos das diversas situações. Dessas observações, podem-se deduzir as condições de felicidade ou infelicidade na vida futura; elas provam que a penalidade não falta a nenhuma prevaricação e que, conquanto não seja eterno, o castigo não é menos terrível segundo as circunstâncias.

Allan Kardec, O Céu e o Inferno

Nota: Allan Kardec define os pressupostos da ciência espírita. Toda teoria, seja proposta por um homem ou um espírito, é uma opinião pessoal. As hipóteses vão do engenhoso ao ridículo. Por isso, o Espiritismo se fundamenta na observação dos fatos, em milhares de depoimentos, para extrair deles os princípios gerais, confirmando o ensinamento dos bons espíritos. É a universalidade do ensino dos espíritos. (Nota 94 de *O Céu e o Inferno* do editor Paulo Henrique de Figueiredo)

Observem como essa introdução explana o pensamento científico baseado totalmente nos fatos. Não há dogma, não há profetas, não há fantasia.

Depois dessa criteriosa introdução, Allan Kardec segue enumerando os princípios gerais que os muitos Espíritos deram. Eles aparecem de forma progressiva. Eles os definiu como a representação da lei da justiça divina.

Segundo estudamos, não há um sistema estático, um padrão geral onde o futuro seja um Céu Iluminado ou as Escuridão das trevas do Inferno. Mas se voce, leitor, fizer o estudo, vai conseguir chegar às suas próprias conclusões.

Nós o convidamos a leitura e reflexão! Vale muito a leitura.

Bicorporeidade

Relato e explicação do fenômeno da Bicorporeidade

Ensinamentos de Sacerdote Egípcio

Segunda evocação de Mehemet Ali

O Espírito de um soldado morto em guerra: o Tamborista de Beresina

O Tambor de Beresina é uma das mais interessantes comunicações relatadas na RE de 1858. Vale a leitura!

Lição de Caligrafia

Nesse artigo, Kardec apresenta o seguinte caso: tendo o médium Sr. D. apresentado um fenômeno muito interessante - o de escrever com uma caligrafia muito melhor quando inspirado pelos Espíritos - um dos membros da Sociedade, Dr. V. , teve a ideia de evocar o Espírito de um calígrafo, Bertrand, para fins de observação.

Segundo O livro dos Médiuns,

270. Quando se deseja comunicar com *determinado* Espírito, é de toda necessidade evocá-lo. (item 203.) Se ele pode vir, a resposta é geralmente: *Sim*, ou *Estou aqui*, ou, ainda: *Que quereis de mim?* Às vezes, entra diretamente em matéria, respondendo de antemão às perguntas que se lhe queria dirigir.

271. Surpreende, não raro, a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. Dir-se-ia que estava prevenido. É, com efeito, o que se dá, quando com a sua evocação se preocupa de antemão aquele que o evoca. Essa preocupação é uma espécie de evocação antecipada e, como temos sempre conosco os nossos Espíritos familiares, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se nenhum obstáculo surge, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado.

Mas será que há perigo em Evocar Espíritos?

278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos.

Kardec, OLM

“Isso depende do fim que se tenha em vista e do ascendente que se possa exercer sobre eles. O inconveniente é nulo, quando são chamados com um fim sério, qual o de os instruir e melhorar; **é, ao contrário, muito grande, quando chamados por mera curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer.** Os bons Espíritos, nesse caso, podem muito bem dar-lhes o poder de fazerem o que se lhes pede, o que não exclui seja severamente punido mais tarde o temerário que ousou solicitar-lhe o auxílio e supô-los mais poderosos do que Deus. Será em

vão que prometa a si mesmo, quem assim proceda, fazer dali em diante bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço. **Esse mesmo serviço que se solicitou, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito e este não larga facilmente a sua presa.**” (Veja-se o item 212.).

279. Ninguém exerce ascendentes sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral. Os Espíritos perversos sentem que os homens de bem os dominam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, respondeu àquele: Deixa-me em paz, com teus ares de matamouros, que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão a pregar moral a outro ladrão.

282. 11.^a. Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores? E será de temer que, chamando-os, o evocador lhes fique sob o domínio? “Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem que temer. Impõe-se aos Espíritos inferiores e não estes a ele. **Isolados, os médiuns, sobretudo os que começam, devem abster-se de tais evocações.** (item 278.)

Continuando com o artigo, onde o medium traz a comunicação:

3. – Sabe o principal objetivo que nos levou a pedir sua vinda? – *Não, mas desejo sabê-lo.*

OBSERVAÇÃO: O Espírito do Sr. Bertrand ainda se acha sob a influência da matéria, como seria de supor-se, dada a sua vida terrena. Sabe-se que tais Espíritos são menos aptos a ler o pensamento do que os já mais desmaterializados.

FACSIMILE D' ECRITURES

Ecriture normale du médium.

Que cette doctrine de salut ait été
ou non vraie, peu importe ! Chacun
pourra croire à cet égard ce
qu'il vaudra.

ECRITURE DE L'ESPRIT DE M^r BERTHARD

par le médium médium.

N^o 1. La 2^e correspond aux questions posées (Livre page 496.)

4 Je le puis
5 Quelques uns
6 Le suis mort en 1856
7 56 ans
8 St Germain
9 Je saçais de contenter
mon corps

Imp. Villain, r. de Sévres, 46, Paris

Daí em diante, o Espírito continua dando mais alguns detalhes sobre sua vida. Em linhas gerais, ele demonstrava um arrependimento por ter usado mal, ou ao menos não tão bem quanto podia, o seu tempo encarnado:

9. – Qual foi o seu gênero de vida? – *Procurava satisfazer às necessidades do corpo.*

10. – Cuidava um pouco das coisas de Além-Túmulo? – *Quase nada.*

11. – Lamenta não pertencer mais a este mundo? – *Lamento não haver bem empregado a minha existência.*

12. – É mais feliz do que na Terra? – *Não. Eu sofro pelo bem que deixei de fazer.*

13. – Que pensa do futuro que lhe está reservado? – *Penso que me é necessária toda a misericórdia de Deus.*

14. – Quais as suas relações no mundo em que se encontra? – *Relações lamentáveis e infelizes.*

15. – Quando vem à Terra, há lugares que frequenta, de preferência a outros? – *Procuro as almas que se condoem de minhas penas ou que oram por mim.*

17. – Diz-se que em vida foi muito pouco tolerante. É verdade? – *Eu era muito violento.*

18. – Que pensa do objetivo de nossas reuniões? – *Gostaria muito de tê-las conhecido em vida. Elas me teriam tornado melhor.*

19. – Vê aí outros Espíritos? – *Sim, mas me sinto muito confuso em sua presença.*

20 – Rogamos a Deus que o tenha em sua santa misericórdia. Os sentimentos que acaba de externar devem permitir que ache graça diante dele. Não duvidamos que o ajudem em seu progresso.

OBSERVAÇÃO: Os ensinamentos fornecidos pelo Espírito do Sr. Bertrand são absolutamente exatos e concordes com o gênero de vida e o caráter que lhe conheciam. Apenas ao confessar sua inferioridade e seus erros, a linguagem é **mais séria e mais elevada do que se poderia esperar**. Mais uma vez temos a prova da penosa situação dos que na Terra são muito apegados à matéria. **É assim que os próprios Espíritos inferiores por vezes nos dão, pelo exemplo, valiosas lições de moral.**

Suicídio Por Amor

Caso de Louis G. que se suicidou por amor. Ensinamentos morais de São Luís.

Os Talismãs

Neste artigo, Kardec desmistifica os talismãs e medalhas

Letargia Extática - EQM - Experiência de quase Morte

EQM Experiência de quase morte de uma senhora alguns dias antes de falecer realmente.

A Caridade pelo Espírito de São Vicente de Paulo

A comunicação sobre a Moral, segundo S. Vicente de Paulo. Uma das mais interessantes até agora. Ele fala sobre nosso comportamento. no ato caridoso.

O papel do pesquisador e do médium nas comunicações com os

Espíritos

Neste estudo em grupo, tratamos do artigo em questão de uma forma um tanto diferente, pois notamos que ele nos dava ensejo a um aprofundamento bastante importante a respeito da mediunidade e das diferenças existentes entre como ela era tratada no Espiritismo, como doutrina científica nascida da observação racional dos fatos e das comunicações espíritas (espirituais) e como ela é tratada hoje.